

Provocações das práticas de lazer de aventura à antropologia: entre esporte e turismo, ou não

Marília Martins Bandeira

Introdução: esportes nem tão recentes

Embora sejam partes que parecem ter ficado por mais tempo inexploradas, já eram mencionados nos clássicos da antropologia do corpo, filosofia do jogo e sociologia do esporte os tipos de práticas problematizadas no presente trabalho. No inaugural *As Técnicas do Corpo*, Mauss ([1934] 2003, p. 421)¹ afirmava:

A principal utilidade que vejo em meu alpinismo de outrora foi essa educação de meu sangue-frio, que me permitia dormir em pé num degrau à beira do abismo [...] E este é, antes de tudo, um mecanismo de retardamento, de inibição de movimentos desordenados; esse retardamento permite, a seguir, uma resposta coordenada de movimentos coordenados, que partem então na direção do alvo escolhido. Essa resistência à perturbação invasora é fundamental na vida social e mental.

Caillois ([1958] 1990, p. 43) aprofunda essa discussão sobre a educação do corpo pelo risco, não do ambiente natural, mas ao examinar situações nas quais o descontrole corporal é deliberadamente provocado por brincadeiras. O autor discorre sobre jogos ao ar livre e também jogos que denomina de *inlix*:

1 Esta revisão foi organizada cronologicamente. Quando possível, entre parênteses apresento o ano da edição da obra a que tive acesso, em sua tradução para o português, e em colchetes a data de publicação do original.

[...] consistem na tentativa de destruir por um instante a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúcida uma espécie de voluptuoso pânico. Em todos os casos, trata-se de atingir uma espécie de espasmo, de transe ou de estonteamento que desvanece a realidade com uma imensa brusquidão. A perturbação provocada pela vertigem é um fim em si mesma.

O autor cita acrobacias, saltos, projeções no espaço, voos, ou sua combinação, como característicos dessa categoria de brincadeiras e jogos, além da invenção de máquinas lúdicas, como as de parques de diversão, para estimular esse estado de evasão do controle e depois sentir prazer em recobrá-lo.

Bourdieu ([1980/1983] 1990, p. 209) sinalizou para a importância do estudo do conjunto das modalidades esportivas de "combate contra a natureza", mas no contexto de gestos esportivos de deslize e controle do equilíbrio como o surfe e o skate. Elias e Dunning ([1985] 1992, p. 83-84) consideram algumas das práticas em questão como parte de sua teoria geral sobre o esporte, mas reduzem-nas a uma disputa contra elementos da natureza:

O desporto pode traduzir-se num combate entre seres humanos que lutam individualmente ou em equipes. Pode ser uma luta de cavaleiros e de uma matilha de cães em perseguição a uma raposa veloz. Pode assumir a forma de uma corrida de esqui desde o cimo da montanha até o vale, um tipo de desporto que não é só um confronto entre seres humanos, mas é, também, um desafio com a própria montanha coberta de neve. Assim é o montanhismo, em que os seres humanos podem ser derrotados por uma montanha ou, depois de muitos esforços, podem atingir o topo e gozar a sua vitória. O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos.

Bourdieu, embora mencionasse o ambiente natural, mais especificamente, chamou de "esportes californianos" modalidades importadas dos Estados Unidos pela burguesia francesa no contexto de problematização do gosto das elites por novos lazeres individuais com equipamentos pecu-

liares que implicavam algo de *inlix*, como em Caillois. Porém, não podemos realizar tal redução (chamar de esportes californianos todo o conjunto dos desafios físicos e/ou lúdicos de interação com fenômenos ou exposição a ambientes naturais) quando incluímos o montanhismo, sistematizado na Europa, especialmente nos países alpinos, o que inclui a França. Ademais, povos polinésios já deixaram claro seu descontentamento com o surfe sendo caracterizado como californiano, visto que reivindicam para si a origem dessa prática, antes de esportiva, ritual².

Allen Guttman escreve um posfácio de duas páginas chamado *Postmodernism and les sports californiens*, em 2004, para seu livro *From ritual to record* (1978). Guttman sinaliza para uma discussão sobre se essas práticas enfatizam valores de um recorte temporal mais contemporâneo, mas não se convence. Discorda dos teóricos que viam a popularização de tais práticas impulsionadas pela consciência da crise ecológica planetária e movimento hippie, pós-1960, e as situa como Mauss e Elias e Dunning em uma teoria mais geral sobre modernidade e a invenção da noção de esporte, a qual já previa o montanhismo.

Parlebas (1988) classifica jogos e esportes em relação ao ambiente em que ocorrem. Tendo como critério a possibilidade de o jogador controlar as informações da arena esportiva, o autor as organiza em três tipos: domesticado, semidomesticado e selvagem. Enquanto Pociello ([1993] 1995) ressalta que esses desafios esportivos diferem dos "convencionais" por trocarem as demonstrações de força e potência exclusivamente musculares observadas no Jogos Olímpicos por aquelas de controle informacional do corpo na interação com fenômenos naturais e criatividade constante na invenção de novas tecnologias e gestos esportivos. É na década dessa publicação que a preocupação em não só tipificar e descrever, mas também problematizar esses conjuntos de práticas corporais, começa a se configurar. Principalmente o maior risco à integridade física do praticante que os outros esportes.

2 Para uma melhor apreensão dessa tensão, assistir o documentário *Bustin' Down the Door: as lendas do surf* (2008). Sobre o desenvolvimento do skate e do windsurfe como estadunidenses, o documentário *Dog Town and Z-boys* (2001).

Entre a natureza e o *inlix*, tais práticas corporais passam, então, a ser tratadas na bibliografia internacional em coletâneas que compilam capítulos sobre modalidades esportivas diversas, como *To the extreme: alternative sports inside and out* (RINEHART; SYDNOR, 2003), *Understanding lifestyle sports: consumption, identity and difference* (WHEATON, 2004) e *Berkshire Encyclopedia of Extreme Sport* (BOOTH; THORPE, 2007). Em específico na antropologia, no mesmo ano da última coletânea citada, a revista *Anthropology Today* (n. 6, v. 23), dedicou volume exclusivo aos esportes que, intitulados em seu editorial "hazardous"³, lidos, como sugerem os títulos das coletâneas, extremos no sentido de arriscados ou perigosos.

No Brasil, as expressões *esportes extremos*, *esportes de risco* e *esportes radicais* também foram mobilizadas. O último termo sobretudo para práticas mais recentes com equipamentos, arenas ou novos usos das cidades recém-inventados e focados em execução de manobras agudas. Entretanto, o termo *aventura* se estabilizou na interface com a questão ambientalista, como demonstram *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente* (SERRANO; BRUHNS, 1997), com capítulo de Gustavo Lins Ribeiro e Flávia de Barros intitulado *A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo*. Diferentemente de Bourdieu e Elias, nesses trabalhos, as viagens e práticas esportivas aparecem também como comunhão com a natureza, e não confronto com ela.

As práticas que inspiram o presente texto tiveram maior expansão no Brasil na virada do milênio. Apesar das técnicas e equipamentos muito diversos, vêm sendo agrupadas como de um tipo semelhante por terem em comum o risco percebido como maior (no sentido de lesões mais graves e irreversíveis, desaparecimento e morte) do que perigos dos esportes de quadra, campo, ginásio e/ou piscina. Relação com os imponderáveis dos locais não controlados escolhidos para sua prática (ambientes ou fenômenos naturais), relação inovadora subversiva com os espaços arquitetônicos urbanos ou manobras agudas propiciadas por equipamentos e arenas re-

3 Expressões entre aspas indicam palavras estrangeiras, citações e termos do senso comum. Termos grafados em itálico correspondem neste texto a expressões próprias ao campo etnográfico ou títulos de publicações, jornais e filmes.

centemente inventados e relacionados com grande velocidade, altura e/ou mudança de direção.

Enquanto no âmbito da Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) se galgava estabilizar o espaço que garantisse o debate sobre Antropologia do Esporte, em 2006, as coletâneas *Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza* (MARINHO; BRUHNS, 2006) e *Aventuras na natureza: consolidando significados* (SCHWARTZ, 2006) sinalizavam a emergência do termo *aventura* como fenômeno da atualidade em franca expansão e a importância da análise acadêmica sobre tais práticas na fronteira da educação física e do turismo, abraçada pelo campo dos estudos interdisciplinares do lazer e cristalizada com a primeira edição do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) no mesmo ano.

Após iniciação científica sobre surfe apresentada no último evento, em monografia de pós-graduação lato sensu, realizei minha aproximação da ideia mais ampla de um subcampo multimodalidades, interior ao campo esportivo, na forma de um levantamento de sua divulgação na mídia escrita, com o intuito de compreender como escolher chamar esse conjunto de práticas. Diante do debate terminológico que havia no Brasil com a popularização de tais práticas corporais, entre *esportes na natureza*, *esportes radicais*, *esportes de aventura*, *esportes de risco*, *esportes de ação* ou *esportes ao ar livre*.

Ao analisar as publicações sobre tais atividades no ano de 2007 nos jornais impressos de maior circulação no país como *O Globo*, *A Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, notei que as notícias sobre essas atividades apareciam com muito mais frequência nos cadernos: cotidiano (como formas lúdicas de apropriação dos espaços das cidades) e turismo (como formas de passear e interagir com as paisagens e fenômenos naturais), em vez de aparecerem no caderno esportes. Selecionei o jornal de maior frequência de publicações acerca da temática para aprofundar a análise em Bandeira (2009).

Embora os termos *radical* e *aventura* fossem os mais frequentes entre as expressões anteriormente listadas, não havia consenso no que se referia a sua utilização pelos praticantes entrevistados e os termos pareciam

intercambiáveis para os jornalistas, talvez como recurso literário para evitar a repetição de palavras. Entretanto, uma Comissão de Esporte de Aventura foi criada no âmbito do Ministério do Esporte em 2007, e elaborou definição oficial publicada pela no Diário Oficial da União. Tal proposta associou o termo *aventura* ao risco do imprevisível dos ambientes e fenômenos naturais, enquanto o termo *radical* estaria associado ao contexto urbano, manobras agudas e/ou arenas construídas. Não por acaso, há estudos antropológicos (MACHADO, 2011; MARQUES, 2011) sobre *skate* e *le parkour* situados na interface da antropologia urbana, da ou na cidade com a antropologia do lazer e não necessariamente com a antropologia dos esportes. No entanto, tal termo não encontra equivalente internacional.

Os adeptos dessas práticas eram ora reportados como esportistas, ora descritos como mais comprometidos com seu prazer e divertimento ou autoconhecimento e autossuperação. Quando apareciam no caderno esportes, geralmente em pequenas notas, tratava-se de resultados de campeonatos e rankings e atletas competitivos. Entretanto, as reportagens de maior espaço de redação, dos cadernos cotidiano e turismo, apresentavam praticantes mais preocupados com a fruição de uma atividade física atual e peculiar ou de adeptos de estilos de vida interessantes do que com resultados formais de comparação de desempenho por instituições esportivas.

Contudo, há que se ponderar que, segundo afirmam Dias, Melo e Alves Jr. (2007), nem todas as modalidades assim classificadas são mais recentes/novas em relação às consideradas convencionais, visto que há associações e clubes de alpinismo e montanhismo na Europa com anos de fundação mais antigos que os de futebol. Além disso, o processo de esportivização, no sentido de Guttmann (1978), dessas práticas também esteve em curso desde sua apropriação pelo Ocidente ou no contexto contracultural, como registram *Bustin' Down the Door* (2008) e *Dogtown and Z-Boys* (2001).

O processo de esportivização de tais práticas se intensificou recentemente a ponto de a escalada, o skate e o surfe serem incorporados, depois dos Jogos Olímpicos da Juventude, aos Jogos Olímpicos principais, de Tóquio, que ocorreriam em 2020. O que nos provoca a repensar caracterização dessas modalidades como “não olímpicas”, “alternativas” ou menos

competitivas, como já propunham criticamente Rinehart e Sydnor (2003), ao considerarem que há modalidades compondo tal subcampo que foram criadas especificamente para os Extreme Games (X-games), por exemplo, um evento estritamente competitivo idealizado por um canal de televisão para sua exploração imagética e midiática. Ou seja, desde sua fundação como esporte espetáculo.

Contudo, embora algumas dessas modalidades estejam sendo praticadas em paredes de escalada artificiais e corredeiras e ondas de piscina, ainda há versões que mantêm o contato com a natureza como eixo privilegiado de significação. Nesses casos, quando há comprometimento do praticante em manter certa regularidade de prática ou em avançar tecnicamente, as viagens – em busca de condições geográfica e meteorologicamente adequadas ou mais desafiadoras – são constantes, além de as próprias viagens no formato de expedições e travessias como desafio corporal caracterizarem certa aventura contemporânea, com pitadas de show de sobrevivência, inaugura-se um tipo de turismo esportivo específico.

Aventura e Antropologia

Como afirmei em Bandeira (2012a, 2012b), Lévi-Strauss já agendava o tema das "viagens de aventura" para investigação como fenômeno social: "Quase não se viajava há cerca de vinte anos, e não eram as salas Pleyel cinco ou seis vezes repletas que acolhiam os contadores de aventuras" (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 16). Contudo, criticava-as:

Ser explorador agora é um ofício; ofício que não consiste, como se poderia acreditar, em descobrir, ao cabo de anos de estudo, fatos até então desconhecidos, mas em percorrer elevado número de quilômetros e acumular projeções de fotos e vídeos, de preferência em cores, graças as quais se encherá uma sala, vários dias seguidos, com uma multidão de ouvintes para quem as trivialidades e banalidades parecerão milagrosamente transmutadas em revelações [...] fragmentos desbotados de informação, disponíveis há meio século em todos os manuais, e que uma dose pouco comum de impudência, mas na exata

medida da ingenuidade e da ignorância dos consumidores, não teme em apresentar como um testemunho (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 15-16).

Paradoxalmente, Lévi-Strauss, como outros antropólogos, procurou, em um primeiro momento, distanciar a antropologia da noção de aventura contemporânea para afirmá-la como ciência. Como para Durham e Cardoso (1986):

A nossa *Aventura Antropológica* pode lembrar a visão romântica que cerca os antropólogos, quase sempre confundidos com excêntricos aventureiros que se lançam em estranhas viagens por regiões desconhecidas ou espaços urbanos inabitais. Mas, mesmo rejeitando estas pinceladas românticas, não seria enganoso dizer que a pesquisa é sempre uma aventura nova sobre a qual precisamos refletir (DURHAM; CARDOSO, 1986, p. 13).

Assim, empreendiam um julgamento que desencorajaria a levar a sério a ideia atual de aventura como fenômeno digno de investigação científica:

Não há lugar para a aventura na profissão de etnógrafo; ela é somente sua servidão, pesa sobre o trabalho eficaz com o peso das semanas ou dos meses perdidos no caminho; das horas improdutivas enquanto o informante se esquivava, da fome, do cansaço, às vezes da doença; e, sempre, destas mil tarefas penosas que corroem os dias em vão e reduzem a vida perigosa no coração da floresta virgem a uma imitação do serviço militar... que sejam necessários tantos esforços e desgastes inúteis para alcançar o objeto dos nossos estudos não confere nenhum valor ao que se deveria mais considerar como o aspecto negativo do nosso ofício. As verdades que vamos procurar tão longe só tem valor se desvencilhadas dessa ganga (LÉVI-STRAUSS, [1955] 2009, p. 15).

Entretanto, no documentário *Viajantes Radicais, pelo caminho de Lévi-Strauss* (2009), há trechos de entrevista em que o autor afirma: "Eu era muito apaixonado por campismo, caminhada e alpinismo, além disso tinha o desejo de conhecer outros horizontes" e "eu tinha uma carreira em filosofia, uma carreira nobre, mas monótona, por outro lado, meus gostos pessoais

tinham mais a ver com a aventura”. Essa aparente ambiguidade nas declarações de Lévi-Strauss não foi suficiente para estabilizar as práticas de aventura como objeto de reflexão antropológica, mas, para alguns, acomodou a impressão de característica metodológica do fazer antropológico.

Como já revisei em trabalho apresentado na própria RBA (BANDEIRA, 2012b), o termo aventura tem sido tratado na bibliografia em ciências humanas, na maioria das vezes, como um adjetivo para o que tem um componente desconhecido e de coragem. Para Simmel ([1912] 1971), a aventura produz uma necessidade nova e significativa para a vida: a de se retirar da estabilidade para construir sua própria legitimação. O aventureiro seria aquele que trata o que na vida é incalculável, como, em geral, tratamos o que pode ser calculado com segurança, por sua confiança no destino. Nas palavras do autor, que analisa os perfis dos “aventureiros amorosos”, ele seria um tipo social de ousadia peculiar. Na *aventura* como fenômeno recente, por sua vez, inserida em contextos de lazer, o aventureiro calcula e gere de fato o risco que corre.

O *aventureiro* do qual trata o presente texto, então, não se pretende, como em Simmel, um intelectual ou um amante, mas um esportista-turista, que crê que o desconhecido é seguro para ele por sua convicção nas técnicas, nos equipamentos e em sua excelência em lançar mão deles, em acordo com o imponderável. Isso devido a sua dedicação ao desenvolvimento de capacidades físicas, habilidades motoras, compreensão dos padrões de comportamento dos fenômenos naturais e treinamento de protocolos de segurança.

O tipo de *aventura* pensado aqui, portanto, em suas muitas versões possíveis, não é operado como uma questão de sorte, como em Simmel, mas antes como uma questão de treino, e também não é uma experiência vaga. Há discursos oficiais e oficiosos sobre ela: projetos de lei, estatutos, normas e manuais de boas práticas, que a regulam enquanto empreendimento coletivo. Iniciativas que, especificamente no contexto brasileiro, associam práticas conhecidas como *ecoturismo*, *educação ambiental* e *esportes radicais* em categorias síntese como *esportes de aventura*, *turismo de aventura* e, mais recentemente, apenas, *aventura*.

Encontrei em minha dissertação de mestrado, Bandeira (2012a) e tese de doutorado (BANDEIRA, 2016), que, nessas dinâmicas aventureiras, as fronteiras entre esporte e turismo são borradas, mas não sem conflito e disputa. Isso porque, ao menos no contexto brasileiro, *aventura* passou a nomear e definir instituições, tais como *clubes de aventura*⁴; a *Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura* (Abeta), em 2002; a *Brazilian Adventure Society* (BAS), em 2008; revistas especializadas⁵ e programas de rádio e televisivos⁶ que têm relação com o tema, bem como *eventos* cada vez maiores e mais frequentes, por exemplo: circuitos de *corrida de aventura*⁷, *Festival Brasileiro de Filmes de Aventura, Turismo e Sustentabilidade* (Fatu) e *Adventure Sports Fair*.

De acordo com pesquisa realizada pelo Observatório de Turismo da Diretoria de Turismo e Entretenimento de São Paulo, em sua edição de 2009, a *Adventure Sports Fair* recebeu, em quatro dias, cerca de cinquenta e cinco mil pessoas. 53,7% eram do gênero masculino e 48,5% trabalhavam como autônomos. A renda da maioria (31,7%) era de 5 a 10 salários mínimos e a faixa etária predominante de 30 a 39 anos (38,4% do total). O grau de instrução mais citado foi o superior (41,1%) e mais de 21% do público foi composto por turistas, dos quais 1,5% eram estrangeiros (LAGE, 2010). O evento, por seu tempo de existência, dimensão e perfil dos participantes, foi considerado recorte privilegiado para monitoramento do campo reconhecido como setor estratégico de mercado pelo Programa Aventura do Ministério do Turismo, lançado em 2006 e encerrado em 2011. Desde 1998, a feira que se chama

4 Como o Clube da Aventura Kalapalo (Disponível em: <http://clubedaaventurakalapalo.blogspot.com/>. Acesso em: 15 mar. 2021), o Clube de Aventura de Londrina (Disponível em: <http://www.clubedeaventura.com.br/>. Acesso em: 15 mar. 2021) e o Clube dos Aventureiros (Disponível em: <http://www.clubedosaventureiros.com/>. Acesso em: 15 mar. 2021).

5 Além da *Aventura e Ação*, *Ecoaventura*, e *Go Outside* (que promove desde 2006 o prêmio *Outsiders: Aventureiros do Ano*).

6 No canal ESPN, *Planeta EXPN: Aventuras*; e no Multishow, *Extremos*. Além dos programas, também houve a criação de canais a cabo inteiramente associados ao tema como *Woohoo* e *Off*.

7 As *corridas de aventura* são expedições competitivas, geralmente realizadas em ambiente *natural*, nas quais equipes de dois a cinco integrantes, com ao menos um participante de sexo oposto aos demais, utilizam-se da combinação de variadas técnicas corporais (entre as quais as mais comuns são: o *trekking*, o *mountainbike*, a *canoagem* e as *técnicas verticais*) para chegar a pontos determinados com uso de bússola e orientação por mapa e carta topográfica.

de esportes de aventura, mas contém diversos elementos do turismo com grande espaço para exposição de autodenominados "destinos", aconteceu anualmente até ser cancelada pela primeira vez em 2015, por inviabilidade devido ao baixo número de expositores. A situação de pandemia da covid-19 implica em nova investigação para compreender possíveis mudanças nessas dinâmicas.

Outra pesquisa realizada no contexto da mesma política pública, intitulada *O perfil do turista de aventura e ecoturista no Brasil* (2009), aponta que dos 904 entrevistados selecionados após *survey* nas capitais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais (que seriam os estados em que "mais pessoas procuram por serviços turísticos"), 30% dos entrevistados eram de classe A, 56% de classe B e 10% de classe C, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil. Além disso, traços marcantes encontrados sobre o *turista de aventura* foram a predominância de solteiros (42%) e alta escolaridade (22% ensino médio, 27% ensino superior completo, 31% ensino superior incompleto, 13% pós). Desses, 29% afirmaram que nas viagens feitas nos últimos 12 meses, dentro do Brasil, o principal objetivo foi entrar em contato com a natureza.

Seria interessante comparar esses dados com os de 10 anos depois, pois nesse primeiro levantamento é aparente o recorte de classe. De acordo com Barreto (2003), embora os primeiros turistas fossem nobres europeus entre os séculos XVI e XVIII, certa democratização do turismo aconteceria no século XIX e o turismo contemporâneo, de massa, praticado também pela classe média, se iniciaria na década de 1950. Embora a Organização Mundial de Turismo (OMT) indique que o movimento turístico internacional é realizado por 10% da população mundial, o que denuncia a limitação da democratização supracitada, a autora afirma que, na década de 1970, havia entre organismos internacionais de desenvolvimento a ideia de que o turismo poderia auxiliar as economias do "terceiro mundo".

Talavera (2003) afirma haver um movimento em busca de um turismo que permite tanto a anfitriões como a visitantes desfrutar positivamente do encontro, após o contexto de crise ambiental, econômica e ideológica do final dos anos 1980 criar o ideário de um pós-turista. Segundo o autor, em

resposta aos problemas da massificação do turismo, no final da década de 1980, assistimos à formalização de uma miríade de novos turismos, apoiados em um conjunto de valores, condições de vida e exigências de mercado contemporâneos. Na construção desses tipos de turismo, destacam-se as ideias de autenticidade, responsabilidade e sustentabilidade. Entre esses tipos o turismo de base comunitária, turismo social e/ou cultural e ecoturismo, do qual o turismo de aventura seria parte.

Contudo, há alertas para o perfil elitista da maioria dos praticantes de aventura (homem, branco e de classes abastadas), considerando o alto custo dos equipamentos de algumas modalidades e condições climáticas que exigem tecnologia sofisticada e dos deslocamentos para áreas cada vez mais remotas que permitam experimentação lúdica de fenômenos desejáveis quanto mais exclusivos. Humberstone (2009) analisa a relação problemática de divergência acerca da concepção de risco entre comunidades locais e esportistas viajantes. No caso brasileiro, consequências negativas das peregrinações de lazer à natureza foram problematizadas em estudos antropológicos como o de Baducci Jr. (2003) sobre o Pantanal e o de Prado (2003) sobre a Ilha Grande.

Especificamente relacionados aos gostos e objetivos das práticas esportivas aqui consideradas estão turismos que são concebidos como "na natureza", mas que acabam acontecendo, mais frequentemente, não em ambientes naturais desabitados de humanos, mas em contextos rurais ou próximos a populações tradicionais. A frequência dessas áreas naturais tanto em formato de passeio ou expedição, quanto em formato de campeonatos, pode trazer problemas de impacto ambiental e para populações tradicionais, se a sua consideração não for parte do planejamento da atividade. Por isso, é preciso problematizar esses esportes não apenas como *arriscados*, mas vinculados a questões socioambientais específicas, visto que há pesquisadores que alertam que a rubrica eco se tornou, em alguns casos, uma fachada para o lucro, sem real comprometimento com valores de conservação e mínimo impacto que inspiraram o termo e que deixava de fora a reflexão sobre as populações não urbanas que podem ser incomodadas nessas iniciativas esportivo-turísticas.

Considerações finais: RBA e os esportes de aventura

Ao analisar os anais dos vinte anos de espaço reservado à antropologia do esporte (que se inicia como fórum, passa a Grupo de Trabalho e se desdobra em dois) na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (RBA), é notável a prevalência da importância do futebol para o país em seu surgimento. Entretanto, desde o primeiro fórum não exclusivo sobre futebol, já estavam presentes trabalhos sobre surfe, skate e escalada.

No entanto, entre as pessoas interessadas em estabelecer relações lúdicas com a *natureza* ou a cidade, produzindo corpos aptos a brincar, interagir e/ou se provar nas dinâmicas de suas intempéries e/ou arquitetura, há perfis de prática muito variados. Em observações de diferentes edições da *Adventure Fair*, pude perceber tipos aventureiros que lutam pela causa ambiental e pelo respeito às populações locais dos seus destinos e os que as objetificam como meio de acesso a uma sensação de prazer ou que têm a natureza estritamente como cenário de competição, valorizada pela dificuldade que representa um ambiente não controlado esportivamente, mas não engajados em seu cuidado.

Contudo, a formulação comum entre eles parece ser de que é preciso testar-se na *natureza* para conhecer a si mesmo e conhecer a *natureza* para conhecer o mundo. Para isso é preciso sempre "trocar" de condições "naturais". Primeiro porque há condições sazonais para alguns fenômenos. Tais como a temporada com ou sem ondas em alguns litorais, a cheia e a seca dos rios dependentes da época de chuvas, e a mudança do vento e da neve conforme estações.

Há quem pratique por lazer em localidades e estações específicas, mas quando há compromisso com o rendimento, em que é preciso manter o treinamento, para se manter sempre praticando surfe, *rafting* ou *snowboard*, por exemplo, é preciso ir até onde se possa praticar quando a estação do ano ou condição climática não for propícia no lugar em que se está. Em segundo lugar, pois a lida com o inesperado, o incomum, ou o inóspito parece mais desejável em local que ainda contenha surpresa. Ou seja, na *aventura* de lazer contemporânea, a noção de *natureza* é cumulativa, a *natureza* é conhecida em viagens para destinos distintos.

Além disso, como já afirmei em Bandeira e Toledo (2010), primeira comunicação que apresentei na RBA, encontrei em trabalho de campo na *Adventure Fair*, aventureiros que se negam ser enquadrados nos fenômenos do turismo e do esporte, cientes de suas características sócio-históricas, preferindo os termos *aventureiro*, *viajante*, *expedicionário e/ou caminhante*. Contextos que nos desafiam a compreender que apesar de circularem usando sua força corporal ou terem a provação física como motivação de seus passeios, deliberadamente querem se distanciar dos conceitos turismo e esporte, por serem críticos a estes e que, junto dos adeptos de práticas como dança, yoga, pilates, antiginástica, meditação, entre outras, impõem pensar na importância de um espaço na RBA também para a interface da antropologia do corpo com a antropologia do lazer sem necessariamente ter a antropologia urbana e do esporte como eixo. Demanda acolhida em parte pelos coordenadores, com o desdobramento do Grupo de Trabalho sobre Antropologia do Esporte em dois, com ênfases temáticas diferentes.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA – ABETA. *Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil*, 2010. Disponível em: <http://abeta.tur.br/download/perfil-do-turista-de-aventura/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BANDEIRA, Marília Martins. Da aventura antropológica à Antropologia da Aventura. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28., 02 e 05 de julho de 2012, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: RBA, 2012. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/2013/07/06/anais-28-rba/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

BANDEIRA, Marília Martins. "*No galejo da remada*": estudo etnográfico sobre a noção de aventura em Brotas/SP. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BANDEIRA, Marília Martins. Os novos esportes e a cobertura jornalística: o caso da Folha de São Paulo. In: DIAS, Cleber; ALVES JÚNIOR, Edmundo (Orgs.). *Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2009. p. 125-140.

BANDEIRA, Marília Martins. *Políticas públicas para o lazer de aventura: entre esporte e turismo, fomento e controle do risco*. 2016. 1 recurso online (233 f.). Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305338>. Acesso em: 4 mar. 2021.

BANDEIRA, Marília Martins. Resenha de Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas. *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 349-355, jul./dez. 2010.

BANDEIRA, Marília Martins; TOLEDO, Luiz Henrique. Correr Aventura: notas etnográficas sobre uma feira de esportes de aventura e eventos correlatos. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27., 2010, Belém. *Anais [...]*. Belém, 2010.

BANDUCCI JR., Álvaro. Turismo Cultural e Patrimônio: a memória pantaneira no curso do rio Paraguai. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 117-140, out. 2003.

BARRETO, Margarita. O Imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 15-29, 2003.

BOOTH, Douglas; THORPE, Holly. *Berkshire encyclopedia of extreme sports*. Berkshire: Berkshire Publishing Group, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

BUSTIN' Down the Door: as lendas do surf. Direção Jeremy Gosch. USA: Fresh & Smoked, 2008. (1h 36min).

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.

DIAS, Cleber Augusto G.; MELO, Victor Andrade de; ALVES Jr., Edmundo. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 7, n. 3, p. 358-367, 2007.

DOG TOWN and Z-Boys: onde tudo começou. Direção de Stacy Peralta. USA: Sony Pictures, 2001. (91 min).

DURHAM, Eunice Ribeiro; CARDOSO, Ruth. *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

HUMBERSTONE, Barbara. Inside/outside the Western 'Bubble': The nexus of adventure, adventure sports and perceptions of risk in UK and Mauritius. In: ORMROD, Joan; WHEATON, Belinda (Eds.). *On the edge: leisure, consumption and the representation of adventure sports*. Eastbourne: Leisure Studies Association, 2009.

LAGE, Beatriz (Coord.). *Boletim Semestral 2009/2 do Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Comtur; Prefeitura de São Paulo, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MACHADO, Giancarlo. *De "carrinho" pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARINHO, Alcyane; BHRUNS, Heloisa (Orgs.). **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Barueri: Manole, 2006.

MARQUES, Rafael. Cidade lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de Parkour em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, [1935] 2003. p. 399-422.

PARLEBAS, Pierre. *Elementos de sociologia del deporte*. Málaga: Junta de Andaluzia, 1988.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.

PRADO, Rosane. As espécies exóticas somos nós: reflexão a propósito do ecoturismo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 205-224, 2003.

RINEHART, Robert; SYDNOR, Synthia (Eds.). *To the Extreme: alternative sports inside and out*. Albany: State University of New York Press, 2003.

SCHWARTZ, Gisele (Org.). **Aventuras na Natureza: consolidando significados**. Fontoura: Jundiá, 2006.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa. *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

SIMMEL, Georg. The adventurer (1911). In: SIMMEL, Georg. *On Individuality and Social Forms*. Selected Writings. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

TALAVERA, Agustín Santana. Turismo Cultural, Culturas Turísticas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 31-57, out. 2003.

VIAJANTES RADICAIS, pelo caminho de Lévi-Strauss. Direção de Jader Lago. Exibição: Rio Mountain Festival – 2010 Mostra: Competitiva. São Paulo: Canal Azul e ESPN Brasil, 2009. (53 min).

WHEATON, Belinda (Ed.). *Understanding lifestyle sports: consumption, identity and difference*. London: Routledge, 2004.